

Editorial

“[...] com a máxima tristeza para o nosso coração, somos obrigados a concluir, contrariando a impressão geral, fundada nas aparências, que nosso país não está se desenvolvendo nas atuais condições da economia, não dominada pelos interesses reais de todo o povo, mas pelos das camadas dirigentes e financeiramente poderosas, com o agravante de serem em grande parte, confessada e arrogantemente, estrangeiras. Isto significa o desenvolvimento dos *outros* aqui em nossa terra [...]”.

(Álvaro Vieira Pinto)

Este é o terceiro e último número da RBDR deste turbulento ano de 2020. E permanece sendo turbulento por (ainda) não indicar qualquer mudança mais significativa de tendência em relação ao que se anunciava até o número anterior. A crise sanitária continua aí, produzindo seus efeitos inusitados na vida de indivíduos e coletividades humanas em escala planetária. Como se tem afirmado por aqui: “não há dúvidas de que ainda se ouvirá falar muito em Covid-19”. Com efeito, a situação é tal que esta afirmação permanece, desafortunadamente, atual. O que se tem é: tanto o número de infectados quanto o de óbitos continua crescendo em ritmo ainda forte, no mundo, na América Latina, no Brasil. No instante em que se redige o presente editorial, registram-se 34,72 milhões de infectados e 1,030 mil vítimas fatais planeta afora. No Brasil, já são 4,88 milhões os infectados e mais de 145 mil os óbitos. Entre este número da RBDR e o anterior, o número de infectados cresceu por um múltiplo de 2,1 no mundo, enquanto no Brasil, por um de 2,0. E o número de vítimas cresceu por um múltiplo de 1,58 no mundo, enquanto no Brasil, por um de 1,66. Já não há dúvidas de que, no Brasil, as diferenças brutais entre os primeiros e os últimos números não podem ser atribuídas nem à má sorte nem a outros tristes acasos. De fato, é facilmente perceptível que os/as brasileiros/as estão confrontados com uma política em nada descuidada, cujas indisfarçáveis intenções se revelam no quadro acima delineado. A crise sanitária, porém, não é a única tragédia com que brasileiros/as têm tido que lidar. Há, ainda, uma crise econômica, gerida pelas autoridades da área descaradamente em favor do andar de cima, com suas consequências cada vez mais nefastas para o andar de baixo. Há, ademais, uma crise ambiental, igualmente, gerida de forma a isentar os poderosos, responsabilizar os mais fragilizados e comprometer a vida. Por fim, a crise político-institucional, à vista até dos olhos mais embaçados, parece ganhar novos e mais graves contornos a cada dia que passa – e, não obstante, as instituições permanecem inertes e inúteis, talvez, decorativas. Se, contudo, a situação à volta é desanimadora, esta introdução ao

editorial do terceiro número da RBDR de 2020 procurará apontar elementos que possam infundir esperanças nos/as seus/suas leitores/as.

Uma fonte de esperanças está na obra de Álvaro Vieira Pinto, destacado integrante do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, a quem a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* presta, neste número, merecida homenagem. A citação que abre este editorial remete ao desafio que ainda – e, talvez, sobretudo, agora – se apresenta a todos que não se conformam com a subserviência dos governantes que o andar de cima tem impingido aos/às brasileiros/as. Vieira Pinto não apenas desvela brilhantemente a condição de formação social dependente, periférica e subdesenvolvida do Brasil, mas também indica possibilidades para a sua superação. Parece desnecessário lembrar que uma contribuição como esta tem inequívoca repercussão sobre o pensar e o fazer de quem se ocupa do território e das regiões que o compõem.

Munido de muita esperança, um grupo ousado e resoluto de docentes da Universidade Regional de Blumenau decidiu criar, há dois decênios, um programa de pós-graduação que oferecesse formação qualificada num campo que, na época, era desconhecido no Brasil. Se já havia, em nível de pós-graduação, opções no campo do planejamento urbano, o do desenvolvimento regional era uma completa novidade, que encontrava pioneirismo e, até o ano de 2000, exclusividade completa no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul. A história do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau não caberia em poucas linhas, daí este registro sucinto. O fato, porém, não pode passar despercebido, se não por outros incontáveis motivos, no mínimo, porque esta *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* foi criada no seu interior e a ele está inextricavelmente associada. Assim, o aniversário de 20 anos do PPGDR/FURB, um programa avaliado com nota 5 no campo do Planejamento Urbano e Regional/Demografia da CAPES, comemorado em simultâneo com o de oito anos da RBDR, é motivo de grande júbilo. É fonte adicional de esperanças para enfrentar as turbulências desses tempos.

Isto posto, recorda-se – sempre de novo – que a RBDR vem buscando constituir-se em espaço democrático de debate interdisciplinar sobre os diversos assuntos que correspondem à “questão regional”, sobretudo, em/de países periféricos. É por meio da publicação de artigos, ensaios e resenhas, inéditos (exceto se publicados em periódicos não brasileiros), sobretudo, da área de planejamento urbano e regional, que a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* se apresenta como espaço plural de debate. Contudo, também são bem-vindos aportes de campos como geografia, economia, sociologia, antropologia e ciência política. Se convergirem para assuntos que tratem de desenvolvimento regional, acolhem-se também contribuições de áreas como urbanismo, comunicação social, direito, serviço social e turismo. Cabe lembrar, ainda, que os artigos e ensaios publicados na *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* podem ter caráter mais “teórico” ou

ser de natureza mais “empírica”, consistir de estudos sobre desenvolvimento regional na/da América Latina (inclusive, no/do Brasil) ou de análises que relacionem escalas espaciais significativas para o entendimento dos variados processos de desenvolvimento e, sendo o caso, enfatizar as determinações causais e o protagonismo de agentes e instituições na construção de trajetórias de desenvolvimento no território.

Isto tudo considerado, e apesar das turbulências desses tempos, a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* disponibiliza ao seu distinto público, com grande satisfação, o seu terceiro número de 2020. Os nove artigos que brevemente são apresentados abaixo ajustam-se ao perfil da RBDR, em concordância com o que inspira a sua publicação.

“ Migração e seleção no mercado de trabalho cearense ” é o artigo inicial, assinado por Silvana Nunes de Queiroz e Rosana Baeninger. Aí as autoras examinam a seletividade entre o migrante interestadual de retorno inserido no mercado de trabalho do estado do Ceará, vis-à-vis o migrante não natural e o não migrante. Os resultados indicam que a seleção é positiva para o retornado quando comparado aos que nunca emigraram, mas é negativa em relação aos que não são nascidos no Ceará.

O segundo artigo, assinado por A. C. Olives Erazo, A. M. Meiguins de Lima, F. A. Francisco do Vale e M. A. da Silva Pimentel, é “Amazônia Oriental e Andina segundo o ‘barômetro da sustentabilidade’: Esmeraldas (Equador) e Bragança (Brasil)”. Nele são discutidos os resultados da aplicação do Barômetro da Sustentabilidade aos municípios informados no título, dada a fragilidade ambiental dos mesmos devido à sua localização em áreas estuarinas e à ocorrência de áreas protegidas com presença de manguezais.

Em “Capital social e desenvolvimento endógeno no assentamento Itamarati em Ponta Porã-MS”, Aline Robles Brito e Carlos Otávio Zamberlan analisam as contribuições do capital social dos membros da Cooperativa dos Produtores Rurais do Assentamento Itamarati II para o seu desenvolvimento. Os resultados sugerem que as atividades da cooperativa têm, por um lado, fomentado as relações externas do assentamento com a sociedade e, por outro, promovido o fortalecimento endógeno do assentamento.

Carmino Hayashi é o autor do artigo seguinte: “Caracterização geográfica, política e socioeconômica da Região Metropolitana de Ribeirão Preto-SP”. Aí seu autor procura caracterizar e analisar a Região Metropolitana de Ribeirão Preto em relação aos seus atributos geográficos, políticos e socioeconômicos, além de traçar um perfil comparativo com as demais regiões metropolitanas do estado de São Paulo, com vistas a propor orientações e alternativas viáveis em termos de gestão e desenvolvimento regional.

No artigo seguinte, “Localização e especialização nas mesorregiões do Paraná: uma abordagem teórico-empírica”, Rodrigo Monteiro da Silva e Cristiele de

Almeida Vieira procuram examinar a economia regional do estado do Paraná a partir da aplicação de indicadores de especialização e localização nos anos de 2010 e 2017. O objetivo é verificar a localização e especialização dos principais setores econômicos no Paraná, assim como as possíveis mudanças setoriais na escala das mesorregiões no período.

“Desenvolvimento socioeconômico no oeste do Paraná no início do século XXI” – assinado por J. A. da Silva Amaral, L. V. M. Bernardo e R. Rippel – é o sexto artigo. Aí se buscou propor (e analisar) o *Índice de Desenvolvimento Socioeconômico* para o Oeste do Paraná nos anos 2000 e 2010. Os resultados mostram que, em 2000, os seus municípios formavam três clusters: de baixo, médio e alto desenvolvimento; mas, em 2010, restavam dois: de médio e alto desenvolvimento, indicando melhora no desempenho da região.

Já no sétimo artigo deste número da RBDR, “Operacionalização do PNAE e perfil dos agricultores familiares em Cachoeira do Sul-RS”, Chaiane Leal Agne e Fernanda Refosco Porto avaliam os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo diagnosticar o perfil socioeconômico dos agricultores familiares que participaram do PNAE, em 2018, no município gaúcho de Cachoeira do Sul. A conclusão é de que o programa gerou profissionalização e diversificação das fontes de renda para as famílias participantes.

G. G. Feijó de Almeida e A. Felippi assinam o artigo “Marcas e *place branding* na articulação com o desenvolvimento territorial”. O objetivo é verificar como se dá a construção da marca de um território à luz do caso do Rio Grande do Sul. Os resultados apontaram para uma marca calcada na identidade oficial do Estado, que articula o desenvolvimento territorial via ações coletivas do Estado e do setor privado, voltadas ao desenvolvimento econômico e turístico e à manutenção da identidade do Rio Grande do Sul.

Por fim, em “Repertórios e performances no ativismo feminista transnacional”, R. M. Schulz e C. Tirelli discutem o ativismo feminista transnacional através do exame de diferentes repertórios de ação utilizados na Marcha Mundial das Mulheres e na Marcha das Vadias. Além de mostrarem como se constitui e se organiza a Marcha Mundial das Mulheres e a Marcha das Vadias, as autores propõem refletir sobre o uso das categorias de repertório de ação e performance para pensar o ativismo feminista transnacional.

Existe ainda uma seção de resenhas. Aí são comentadas, de forma breve, algumas obras que têm vindo à luz em 2020. Talvez os leitores deste número da RBDR possam se interessar por ela.

Ao encerrar este editorial, ainda é preciso: (a) recordar que a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* continuará passando por alterações, com a ativa participação da brava equipe que a vem editando; (b) encaminhar um agradecimento bem especial a todos os articulistas, integrantes do conselho editorial e “carregadores de piano” por sua impagável contribuição para que a

RBDR permaneça avançando na consecução de seus propósitos; e (c) repetir que esta editoria deseja continuar contando com a crítica de seus leitores, autores e membros do conselho editorial, de molde a reduzir erros e equívocos a cada nova edição. De sua parte, a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* promete permanecer fiel ao desiderato de constituir-se em espaço democrático de debate interdisciplinar qualificado sobre temas pertinentes à “questão regional”.

Que este último número de 2020 da RBDR propicie a todos uma leitura agradável. Até logo mais!

Ivo M. Theis
Editor

